

O YTORORO.

SEMANAL.

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS - SALVAVIDA DE OUTUBRO DE 1859. N. 4.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

DE N. 1.

—

—

... a inteligência é infallível, havendo, portanto, de fallar, escrever, e publicar o que se pensa.

(MAXIMA DO MARQUEZ DE MARICÁ.)

Avultado incremento tomou a publicação das idéas, para vulgarisal-as, em todas as classes do genio na arte ou na sciencia. É uma das feições da civilização, e certamente mui satisfactoria, a variedade que já offerece a imprensa, quer jornalisticos, quer periodicos, semeando em todo a parte a comprehensão intellectual, entretenimentos sempre instructivos e interessantes, realisando a maxima que tomamos por epigraphia: *Expone, e assim francamente á justa critica dos doutos, como á curiosidade dos leitores, e á avidez dos interessados, todas as concepções, successos, e acontecimentos.* Desde a simples anecdota, até o mais extensivo complexo de factos, e ratiocínios moraes, ou philosophicos; desde o facto noticioso, o annuncio domestico, fiscal, commercial, ou administrativo, até as longas e repetidas, continuas sobre innumerables actos ordinarios, noticiaes, e legemmas, physicos, doutrinaes, ou religiosos; desde o tratado de um ramo artistico até as mais engenhosas desordens de economia politica, corollarios didacticos, e de engrandecimento material, maior alcance, maior variedade, e a variedade dialectica, com a magestade hermeneutica, e a variedade de palavras pelas grimaldas adamantinas do eloquentissimo, e a variedade de interpretando, por centenares de syllogismos, e a variedade de leis, que por ventura teñha o juriscansulto em sua lingua, e a variedade de disposições legislativas. Mais além, os factos, e a variedade de applicação, quando se no bem elaborado das doutrinas, e a variedade de se nos apho-

Mas o dellas...
E esse tão suave...
Que nos deixa...
Aquelle região...
Vendo o nasso...
Sobre teu seio...
Vem, meu encanto...
Vem, a lua das flores...
Sobre a terra...
Agora os laranjeiros...

Vem; vem ouvir...
Da minha lyra...
Desta lyra...
Aos céus...
Pela quadra...
Doces cantos...
Vem; ella jaz...
Aos raios do luar...
De resonante...
Desleixada, indolente...
Ella descansa...
Nem canta mais...
Mas inda encerra...
Nunca ouvdes...
P'ra cantar os segros...

Da inspiração...
A quem ao lado...
Tu es p'ra mim...
Que illumina...
Dentro em meu...
Que, qual aroma...
Ou, qual briza...
Um amor peregrino...
Inspirado por...
Da morte temerária...
Como chuva, que...
Sobre mim calinas...
Então minhas...
A região do...
E a minha...
Como um rio, que...
Suspirando...
Prolongar-se-ha...
Os homens...
De saudade, de...
E o teu nome...
Em meus versos...
Ha de acordar...
Do teu amigo...
Vem, meu encanto...
Vem! a lua das flores...
Sobre a terra...
Os frescos laranjeiros...

S. Paulo, Março de 1839.
E. R. P. da C. Castro

A ELLEA.

Tu que outr'ora em meus braços...
Tu que outr'ora...
Quando sinto hoje a vida...
E que queres de tudo deixar-me.

Esse amor que tão puro senti,
Que comigo em silencio guardei,
Os teus labios quebrarão de todo,
— Lou-se a doce illusão que eu amei.

Vem matar as saudades cruéis,
Que me rasgão as fibras do peito;
Vem, oh! anjo de amor, perfumar
De prazeres infantis—meu leito.—

S. Paulo, Setembro de 1839.

LEUZ JOAQUIM DE MAGALHÃES CASTRO JUNIOR.

Honras fúnebres á sciencia.

O funeral de Humboldt, escreve M. Caffé no *Jornal dos conhecimentos medicos*, foi celebrado com uma pompa mais do que real. As ruas de Berlim estavam todas ornadas de preto. As numerosas condecorações do sabio guarneciam duas almofadas de velludo negro, carregadas por dous principes de sangue que marchavão a pé. O carro mortuario era puxado por seis cavallos das cavallerias de Sua Magestade; o fereiro esculpido estava coberto de flôres e louros; vinte estudantes rodeavão o carro empunhando ramos de palmeira. O corpo foi sepultado perto de Berlim em uma propriedade do finado onde se achava o jazigo de sua familia. Todos os dignitarios de todas as ordens honrãrão-se de fazer parte do sahimento. Emfim no dia em que se celebrava em Berlim esta fúnebre cerimonia, um decreto imperial ordenava em Paris que a estatua de Humboldt fosse levantada no museu de Versalhes.

A decifração da 1.^a charada do numero antecedente é—AZAFAMA; a da 2.^a—ALTAMAIA; a da 3.^a—POEMA; a da 4.^a—SYMBOLO; a da 5.^a—ARACA.

Typographia de Marques e Irmao.

POESIAS.

DEVANEIO

Ni vasa! miserere: morimur, quia
Veni.

Vem, tympia, vem, meu anjo, vem!
Quem só por ti suspira,
Da tarde as autas para ti,
Cheirosas flores na macia terra,
E para te embalar em doce exo,
Murmura a solidão meigas, ao vento,
De vagas harmonias.

BERNARDO GUIMARÃES

Et sol crescentes decedens da
Me tamen urit amor, quis enim misquit
amori?

Ja nos roixos abysmos do Océano
O rutilante sol puro se esmaça,
E já da noite o murmúrio prazeroso
O suspirar suave se apresenta.
E entretanto não vens; e noites agitas
Ah vem, anjo do ceu, a noite pura
Me acompanha na dor e na saudade.
Vem por ella, e por mim, vem, meu encanto,
Vem! a lua das flores brilha agora
Sobre a terra cheirosa, agora os ventos
Os frescos laranjaes de amor palpita
Os passaros agora se espreguizam
Pelos ramos das arvores, oudo ramos
Com seus amores candidos sonhadores
Agora das montanhas, das florestas
Os segredos da noite se levantam,
En'um hymno macio ao ceu se elevam.
Vem, meu encanto, vem, minha rosa,
Aos segredos mais doces da Natureza
Unamos nós tambem os dos amadores.
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre as terras de flores matisadas.

Essas brisas da noite, que cantam,
Este halito dos bosques, este ar me
Dos valles, das montanhas e das arvores
Para junto de mim te estão chamando,
Saudosos de te ver estão meus amores,
E saudosos de ouvir-te os meigos do
Quando tudo te quer nestes lugares.
Oh meu anjo de amor, que tanto me
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra de flores matisadas!

Não sabes, rosa minha, que peço
Aquelle a quem o ar faltou de te
Tu és o ar da vida, que respiras
Não demotes em vir que já demoras
Se eu sou ao lado teu sonora lira
Sou distante de ti qual triste lira.

Oh, minha rosa, o total de von sem aguas,
E tanque não murmura, não revolve
Vem! a lua das flores brilha agora,
O vento, que ardendo em sede, passa,
Do lugar conhecido se avizinha...
Mas, fôlida e perança! encontra apenas
Vinda tristeza no lugar da fonte.
Murmúrios, que encantáram seus ouvidos
E flor de lva, que elle vira ont'ora,
E a terra, que acolhera-o n'ourtos dias,
E a tudo acabou; alli só pedras,
Alli só folhas seccas e amarellas
Espalhadas no chão mostrão ainda
De antiga animação starem saudosas.
Oh, vem, o mez das flores corre agora
Das bellas de amor mandando a terra.
Lanta verdura vai por esses campos,
Lanta flor de sabrocha, e tanto aroma
O ar munda em magicas torrentes!
Alma candida e pura, flor mimosa
Vem augmentar o numero das flores.
Vem, os cirios do ceu languidos ardem
Eperando-te só; ao brilho delles
Vem reunir aqui, onde te choro,
O tranquillo fulgor de teus olhares.

Oh não te illudas, não! o branco lirio,
Que o beijo da aurora abrisse um dia
Sobre escaldado serro, só cuberto
De rudes espinheiros morreria
Do sol meridiano requeimado,
Ou enredado em asperas raizes.
A planta tambem quer mão carinhosa,
Que na falta do ceu lhe orvalhe o calix.
Fazes um lirio encantador e tenro,
E meu affecto puro a mão, que pôde
Do animador orvalho refrescar-te.
Vem, meu encanto, vem; que tanto tardas?!
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra de flores matisada.
Vem, agora suspirão as montanhas,
Vem, os laranjaes de amor palpitaõ.

Vem do valle sombrio de tristezas,
Onde a dor e a morte não nos deixão,
E fizes de mimos nossas penas,
A terra dos amores esgotando.
Sua, seja amor a nossa vida inteira.
No ceo delle os Poetas tem vivido,
Como as aves do ceu no amado ninho.
As dores, que elle traz, nos purificão
Sua, amemos, meu bem, que amor é tudo.

Vem, oh meu anjo, vem; sobre teu peito
Lula cheio de vago e mocidade,
Sobre esse peito onde a virtude mora
Eu quero disfarçar da vida o tedio.
Quero viver! a vida não são dôres;

algibeira de sua vestimenta, da parte da frente, de sorte que, ou por acaso ou de propósito, a carta foi repouar sobre seu coração.

Esta carta era de Thérèse. Vendo a letra d'aquella que julgava morta, Odoardo tinha estremeção de surpresa e acreditado ser victima de uma illusão. Foi por isso que abriu a carta com tamanha emoção e receio. Tudo lhe foi então revelado: o joven coronel havia sido morto na batalha de Genola, e Thérèse tinha-se achado so e solada em um paiz estranho. Como mulher não se dá, ella tinha voltado a França, orgulhosa pelo nome que trazia; mas o casamento não se realisara, restava-lhe unicamente o direito de prantejar o castigo. Nestas circumstancias, lembrou-se de seu irmão que a amava tanto, só a elle é que ella podia confiar sua triste situação: supplicava-lhe, pois, que conservasse o segredo, desejando continuar a passar por morta. Além disto, ella dizia que pretendia chegar quasi ao mesmo tempo que sua carta, e pedia a seu irmão que mandasse lançar no correio uma única palavra que lhe indicasse o lugar onde devia recolher-se. Ali ella se aguardaria com a impaciencia de quem até então recebera já mais furtiva a ver.

Para maior segurança, a resposta que ella esperava de seu irmão não devia levar nome alguma, e ser dirigida simplesmente á Sr.^a. * * * Concluia a carta recommendando de novo segredo, mesmo em relação á sua mulher, cuja austeridade ella temia e de quem não poderia supportar o desprezo.

Odoardo cahiu sobre uma cadeira, vencido pelo excesso de surpresa e alegria.

Não tentaremos de creter as angustias que a condessa experimentára durante a meia hora que acabava de passar-se. Vinte vezes ella quiz entrar; apparecer subitamente ao conde, e perguntar-lhe em face se era assim que elle cumpria os juramentos de fidelidade que prestára; mas detendo-se outras tantas vezes por esse sentimento que nos obriga a profunder a desgraça, ainda que com isso muito sofframos, ella permaneceu immovel e muda por a no mesmo lugar, como se estivesse dominada por um sonho.

Entretanto pôde comprehender que se o conde a encontrasse alli, adivinharia que ella fazia ouvido tudo e que por conseguinte se acautelaria. Precipitou-se pois para o jardim e por uma reacção desesperada sobre si mesma, dentro de alguns minutos conseguiu dar certa calma ás suas feições, enquanto seu coração parecia devorado por uma serpente.

O conde logo depois de seu também para o jardim; ambos se encontrão, e ambos encontrando-se esforçãõ-se um para dissimular a sua alegria, a outra para occidir a sua dor.

Odoardo correu para sua mulher. Lia esperou-o. Elle apertou-a entre seus braços com um movimento quasi convulsivo.

— O que tens, meu amigo? perguntou a condessa.

— Oh! sou beta feliz! exclamou o conde.

Lia esteve a ponto de desfallecer.

Entrãõ para jantar. Depois do jantar, durante o qual Odoardo pareceu de tal modo deprimido que nem prestou attenção á preocupação de sua mulher, elle se levantou e tomou seu chapéo.

— Aonde ides? perguntou Lia, estremeccendo.

(*Continua*)

Lia escutara todo o que ella ouvia com o sorriso nos labios e a morte n'alma; e a obsequiosa e amantissima feita pela dor que havia causado, regressou a Napoles, deixando na pessoa da joven esposa todas as angustias do ciúme.

Apenas se retirara, elle mesmo foi desdezar-se em pranto. Quasi ao mesmo tempo uma perta lateral da abadia, era conde entrou.

Lia esforcou-se por não saltar elle as lagrimas sob um sorriso; mas quando ella quiz fallar, a dôr e a desventura, com vez das ternas palavras que desejava pronunciar, desatou a chorar.

Esta afflicção era tão profunda e impunada que o conde não podia deixar de querer saber-lhe a causa. Lia, pelo seu lado, tinha o coração tão cheio que era impossivel por mais tempo conservar encerrado o seu segredo: seu pezar transbordou sem explosões, sem queixumes, mas tal qual ella o havia sentido, travando de um queor de amargor.

O conde sorrio-se. A verdade era a havia de verdadeiro n'aquillo que á Lia tinha contado sua esposa a verdade.

De feito, a bella Lia, com a mostrara predilecção pelo conde; mas contra a expectativa daquelle, esta sympathia fóra acolhida simplesmente com a fria polidez de um homem bem educado. Tinha-se-lhe enfim apresentado a occasião de deryr-se seduzida com o cardeal Ruffo; e elle aproveitou-a. Odoardo relatou tudo a sua mulher com o accento da verdade. Lia, tranquillizada por um sorriso de seu marido, chegou a esquecer esta aventura como se pôde esquecer o ciúme; isto é, ella não pensava mais n'isso, senão quando se achava a sós.

Uma manhã, em que Odoardo havia saído para caçar na montanha, Lia, atravessando seu apartamento, percebeu sobre uma mesa quatro ou cinco cartas que o criado lhe trouxe de trazer da cidade; machinalmente lançou os olhos para ellas; e a primeira d'essas cartas era de mulher. Lia estremeceu. Ella conhecia bem profundamente o seu dever para que pensasse em abrir esta carta; mas não pôde resistir ao desejo de observar a sensação que, ao abri-la, poderia experimentar seu marido. Assim pois, logo que ella sentio-o entrar, occultou-se em um gabinete proximo d'onde podia ver tudo, e esperou ansiosa e tremendo como se alguma cousa de suprema importancia fosse sobre ella.

O conde atravessou seu apartamento sem parar e entrou no de sua mulher onde lhe disserão que ella se achava. Responder seria trahir-se; Lia callou-se. Odoardo entrou no quarto, depoz a espingarda em um canto, atirou a bolsa de caga sobre o sofá, e depois, encaminhando-se descuidosamente para a mesa onde se deitavam as cartas, lançou sobre ellas um olhar indifferente; apenas por um instante de letra delicada que tanto havia inquietado a condessa, saltou-lhe attido de espanto e sem importar-se com as outras, tomou-a entre as mãos. A simples vista d'essa letra tinha causado ao conde tal emoção, que lhe faltou auster apoiar-se á mesa para não cahir: ficou por algum momento com os olhos fitos sobre o sobrescripto, como se não puzesse acreditar-se puzesse. Finalmente quebrou, a obreia tremendo, procurou a assignatura, fez a avelelamente, devotou o que continha a carta, cobrio-a de beijos, e ficou ali absorto por alguns minutos, como se meditasse. Tendo outro olhar sobre a missiva, cuja importancia não era duvidosa, dobrou-a cuidadosamente, olhou em redor de si para assegurar-se de que não havia sido visto, e suppondo-se só, occultou-a na

APROPRIETAS.

PERGUNTAS.

1. Que procação moral contém a sciencia?
2. Que prova é o homem sabio?
3. Entre os sabios, qual é maior?
4. É o que differê o sabio do ignorante?

Resposta a 1.ª a. — *Inter prospera ornamentum, inter adversa refugium.* Na prosperidade ornato, na adversidade asylo.

Resposta a 2.ª b. — *Non plurima, sed utilia legere.* Não a muita leitura, mas a útil, e colluda.

Resposta a 3.ª c. — *Scientia scire totum scire, se nihil scire, est.* A sciencia das sciencias — a convicção de nada saber.

Resposta a 4.ª d. — *Quid differet vivens à mortuo.* No que differê o vivo do morto.

— *Qua inter aegri et aegrotam e.* No que dista do medico ao enfermo.

— *Quo inter aegri et aegrotantes i.* Na differença entre os ginecos amansados aos indolentes.

Lia-se escripto nas portas da academia de Pythagoras:

— *Qui nescit, quod scire debet, irrationabilis inter homines; si nescit plusquam scire debet, inter irrationales homo; si omne scit, quod scire potest, inter homines Deus est.* — É irracional entre os homem o que ignora quanto deve saber; — se sabe so quanto deve saber, é homem entre irracionais; — é para Deus entre os hominas se sabe tudo quanto pôde saber.

Extrahi los por S. G.

ALEXANDRE DUMAS.

POB.

ALEXANDRE DUMAS.

Conto de fadas.

A officiosa magistral, e a cithão a joven condessa que na cõrte de Palermo não se tratava semas da parvo que o conde havia inspirado á bella Emma Lyonna, favorita de Carolina, e que este boato fizera receiar ás amigas da futura condessa que o seu casamento não fosse muito afortunado: não succedêra porém a sua dizição a officiosa visita; o novo Renaud, desvairado por um momento, quebrou as cadeas que o prendião á sua Armida, e abandonando a ilha encantada, onde por alguns instantes perdêra o coração, voltára mais apaixonado do que nunca aos seus primeiros amores.

- (a) E. de Aristoteles.
- (b) E. de Aristoteles.
- (c) E. de Gerardo e V. (na 1.ª ed.)
- (d) Aristoteles.
- (e) Platon.
- (f) Aristoteles.

sa, vir a vista, ainda o
silencio profundo, na
mas e das suas lousas
dos finados... que trahem
intimo e doloroso de
um presentimento melancolico
sufre a vida ao simples
o sempre... para todo

A morte e o mais lieve
de lividez, a cui
e emfim de todos os
dade, o mais importante
vendar o que la val a
ignorancia profunda e
gelado interiramente...
abrem para revellos e
impotente nos dominios
a tal respeito n'um em
veis... Philosophia! ar
o mais credulo espirito
assercoes sao meras do
ral na profunda noite do
na senda espinhosa da
tos e mal seguros...

Jouffroy, o mergulhador
os observadores mais per
esclarecer o espirito huma
lhou, exhauro as suas for
indagador e perseverante
E como confiar na sciencia
tao miseravel diante do

E a religião... e a f
Oh! a fe!... balsamo
ca da vida d'alem-tumulo
filho do peccado? Semelha
na sua morada medonha
gliez no seu poema biblico

Como não são desgraças
lor dos teus raios?... Que
deve ser a sua viagem
onde para aquelles mes
vida e ja tao pesado?

O atheismo, ja o disse
rei da creação, morto mon
lezas terrenhas para as que
creação e enchem o espaço
que sente as cousas, sem
lhes o fundo, rasteja pela
se ao ether celeste, nas az
do homem ao throno do G
Deos!

Es o unico porto de
toda a esperanza e amor p
feito que na existencia de
arros mesquinhas!

Santos, Julho de 1870

E se... E um camileto em
na divindade, nas paredes
... O nome sobre
... que quer dizer esse sentir
... que se experimentamos?... Sera
... para o malcalatio que
... que ele se ensaia para todo

... e um phantasma
... esperanças do homem...
... a sua mextricadur
... Oh! sim, se fo possível de
... purez... silencio...
... a interrogacoes no seu
... dos restos mortaes, mal se
... a seencia e cega e
... que consegue fazer e lancar-se
... duvidas indissolu
... e não satisfazes...
... Sim, porque tuas
... teu unico ph
... do mesmo homem... tens passos
... da vida futura, incer

... a lince entre
... não conseguiu elle mesmo
... tao importante... traha
... meditou, como philosopho
... um resultado satisfatorio... Oh!...
... Philosophia tao fraca, tao impotente,
...

... da duvida universal acer
... a existencia terrestre do
... e desesperado de Satan
... que falla o Homero in

... palpa deherdado do alma ca
... vastos, tenebrosos não
... chamado mundo,
... o fardo da

... do d'alma. E o que póde ser o
... perdido no meio das bel
... harmonias da natureza, que o
... de todos os lados, pobre idiota
... as formas, sem entrever
... e não sabe remontar
... que se eleva do coração
... fumbos.

... da vida, o mystico sanctuario de
... onde pensamento e o modelo per
... todas as suas finitas alças e

t. P. S.

seculo de Auguſto, e os trabalhos de um erudito, sobre a antiguidade. Lê Hugo inteiro; lê Dumas, e que, mais recentemente, as «Meditações» e as «Harmonias». Depois, faz tu me algum trabalho sobre as cousas que achares bellas, e sobre as que achares más; mostram-me, he, o teu trabalho á minha volta. Entim, occupa-te sempre e descanha com variedade delectiva occupações. Cura da tua saúde e «tem juizo.»

Adeos, meu prezado filho. — D. A. D. — que te dê vinte francos por estréas.

ALEXANDRE DUMAS.

P. S. — Dize a Collet que, se o que a minha peça fór recebida, escreveré a Balboz para tratar da sua entrada no Theatro Francez.

Vai á casa de Le... e de La... Royal; toma ali, por minha conta, as poesias de Hugo e o seu theatro, e o Moliere do Pantheon; quanto a Lamartine, dar-t'o-hei á minha volta.

Lê Moliere com frequencia; muito, sempre; como Saint-Simon e Mme. de Sévigné, é um grande modelo da lingua do tempo de Luiz XIV. Decora certos pedaços do «Tartufo, das Mulheres sabias, do Misanthropo»; tem-se escripto e escrever-se-ha ainda muita cousa, mas nunca escrever se-ha nela mais bello, em materia de estylo, do que isto. Decora o monologo de Carlos Quinto de «Iernani; Marion (Delorme) inteiro, o monologo de Saint-Valher e o de Triboulet no «Rei se diverte», a fallá de Angelo sobre Venezia; finalmente, comquanto eu tenha pouca cousa comparavel ás obras que acabo de indicar, decora de mim a narração de Stella, em Caligula, a caçada do conde Yapoub, bem como toda a scena entre o conde, o rei e Agnès Sorel, no terceiro acto do VII. Lê o «Othello e o Romêo» de de Vigny; lê de Musset, com tanto que te não deixes arrastar pela sua grande facilidade, pela sua incorrecção, que n'elle o quasi uma qualidade, e que fóra em outro um grande defeito.

Eis, entre os antigos e modernos, o que te aconselho que estudes. Mais tarde, passarás dos detalhes do todo.

Adeos, estás vendo que te trato como a um moço, e te fallo com circumspecção. E' verdade que vas fazer quinze annos, e e muito natural que te falle assim.— Tua saúde, tua saúde antes de tudo; a saúde é no futuro a fonte de tudo, mesmo a do talento.

A. D.

MOMENTOS DE TRESVARIO.

..... Mas debalde
interrogo o sepulcro,—e debruçado
sobre a voragem tetrica e profunda,
Onde as extinctas gerações baquearão,
Inclino o ouvido, a ver se um echo ao menos
Das margens do infinito me responde!
Mas o silencio que nas campas reina,
E' como o nada,— funereo e profundo....

(B. GRAMMÁTAS — O devanear do sceptico).

A campaa... um echo... nada... eis as sombras sinistras que nas três-vas do porvir se antolhem á imaginação do homem, quando allucinada pelos delirios pavorosos do scepticismo... eis as tres palavras fatidicas que se achão escriptas pelo dedo da morte no portão da vida de além-túmulo — para o atheu e para o descrente!

.....
Que terrivel ideia nasce do pensamento! Que negro cortejo de visões a segue!
Que pensamentos tan-las... traz ao espirito o aspecto triste de uma caveira osso-

como explicar este phenomeno? Na Inglaterra, e nos Estados-Unidos, a mulher é considerada o riso de Deos; o principal e mais importante ente do mundo — para o qual Deos fez todas as coisas antes. Individualisemos: o trovão da guerra, o heroe de Narva, desconheceu ao desmancho da mulher... foi castigado!... foi vencido em Platava, preso em Bender, e morto em Fredericksall!... Hannibal vio o dia de Zama, fugio, e serviu o veneno de Prusias! Napoleão contemplou o sol pela ultima vez em Waterloo, embarcou em Belleophon, e expiou em Santa-Helena!!! Todas as grandes reformas do mundo foram feitas com o auxilio da mulher, sem ella tudo é impossivel. Maloma em Medina e Kadischah, a Fatima, a Virgem; fallou a seus discipulos nas horas plantadas; standarte de sua religião na face do orbe! O christianismo se ajoellou perante Mariaza restauradora dos direitos do homem. Minos, Zoroastro reconhecerão sua omnipotencia!

A mulher é o radiantissimo e a mais alta concepção, é o hosanna da creação!... é a alegria, a consolação, o sorriso do homem, sem ella o homem seria um ser embruteado, ou antes não existira; ella é o coração, como o homem é a intelligencia do mundo!... ella é a prova viva da existencia e omnipotencia de Deos! O atheo, vendo a mulher, dirá contra Deos: — ha Deos! — ha Deos!! Nem mais uma palavra; quando se falla da mulher a intelligencia robusta e penetrante se anniquila; farei o que todos fazem, ajoellarei diante d'ella, e direi: — Sois a rainha do mundo, creadora de todos os portentos, que a todos os momentos da vida contemplamos; bem fizerão os antigos da mythologia que vos chamáram Juno, a esposa de Deos!...

(CONTINUA.)

Carta curiosa de Alexandre Dumas a seu filho, extra- hida do volume 22 das suas «Memorias».

Meu prezado filho.

A tua ultima carta, com as tuas aquellas em que te vejo bem disposto, causou-me summo prazer. Os versos latinos, que te mandão fazer, e sobre cuja utilidade pedes a minha opinião, não tem grande importancia; entretanto aprende a medil-os, para que possas medir essa lingua. — A pequena harmonia existe nos versos de Virgilio, e desaffecção nos de Horacio. Depois, o habito de medir essa lingua ser-te-ha ainda util se fôres algum dia obrigado a fallar o latim na Hungria, onde não ha campones que o não falle.

Estuda o grego bastante e rapidamente; para que possas lèr, no original, Homero, Eschylo, Sophocles, Euripides e Aristophanes, e aprender o grego moderno em tres mezes. Exercede-te em presenciar o allemão; mais tarde, aprenderás o inglez e o italiano. Entes, se quizeres estudar tudo isto, decidiremos juntos a carreira que deves seguir.

A proposito, não te esqueças do desenho.

Dize a Charlien que lê Shakespeare, mas ainda Dante e Schiller.

Cuidado com os versos que te fizeram ler no collegio; os versos dos professores não prestão para nada! Lê o Edda, e a Edda, a um tempo como livro religioso, historico e poetico; a tradução de Wey, a melhor que má, e contudo a melhor; procura, atravez d'esse envolvimento da estropha d'esse nevoeiro, a magnifica poesia que n'ella se encerra; em cada um d'esses sobretudo em Job, esse poema que é um brado ingente de dor e de desolação da humanidade inteira. Lê Corneille; decóra d'elle alguns pedaços. Corneille não sempre é poetico, e por vezes verzejador; mas elle falla sempre uma lingua bella, colorida e concisa. Dize de minha parte a Charpentier que te dê André Chénier, o poeta da solidão e da noite, da raça dos rouxinollos. — Charpentier metta no teu gabinete; Balez te indicará o numero da sua casa. Dize a Collin que te mande a sua pequena theca de quatro volumes intitulados: «Roma no

MULHERES

(Continuação do artigo O HOMEM começado no número antecedente.)

«Soyez reine, dit il, et, des ce moment même,
De sa main sur mon front posa son diadème.
(Racine, Esther, act. 1.^o sc. 1.^o.)

But a woman's whole life is a history of the affections.
The heart is her world: it is there her ambition strives
for empire; she embarks her whole soul in the
traffic of affection, and if shipwrecked her case is
hopeless—for it is a bankruptcy of the heart. »

(WASHINGTON IRVING.)

Para complemento do fim a que nos propuzemos, necessario se torna dizermos duas palavras acerca da epigraphie que orna este artigo. Agora que chegámos a este ponto, é que de sobra conhecemos quão superior as nossas forças é a prodigiosa tarefa com que lutamos; e na verdade, o que poderiam os gigantes da intellectualidade humana dizer a respeito da mulher, que correspondesse ao seu reclamo?!— a poesia mais terrorosa e divina, a musica mais mysteriosa e cheia de melodia, ficariam muito aquem do desideratum acerca deste sublime assumpto!... Homero e Milton, Rossini e Verdi trepidariam! Olucamos por um momento a historia momentosa e bella deste mais formoso ser da natureza. Formou Deos com a solicitude de sua omnipotencia o Eden para residencia do ente privilegiado que havia pouco creára; tudo alli era perfeito, tudo completo; as arvores mais fructiferas e frondosas, as flores mais viçosas e odoriferas, os regatos mais crystallinos e sussurrantes, os passaros de mais linda plumagem, e de gorgeio mais harmonioso, entoavão hymnos e hosannas, e saudavão o homem em seus passeios matutinos.— Tal era o Eden!—O homem, porém, parecia triste e abandonado; seu olhar turbido e desfallecido passava em revista as concepções miraculosas que o rodeavão no maior indifferentismo!... um objecto qualquer, pois, daltava a obra da omniscencia!... Deos, para satisfação de seu filho bem amado, resolveu fazer mais um esforço, o mais milagroso, o mais inconcebível; determinou creara a mulher!!!... a sua obra mais mimosa, portanto a mais preciosa e estimada. Mas a mulher não poderia ser formada com uma palavra, com o «fiat lux!» porque a mulher concentrava em si a grandeza de Deos, os mais profundos planos do futuro, enfim a regeneração da humanidade, projecto favorito da Omnipotencia!... Deos, pois, descansou e meditou!... o homem e a natureza adormecerão!... o milagre mais portentoso estava imminente!... Raiou a aurora da poesia de Deos!... a mulher appareceu, ataviada de toda a sua divindade!... a natureza pasmou, e saudou a mulher cheia de jubilo!... o primeiro homem fascinado rendeu graças ao Creator.— Deos era Deos!—sua obra estava consummada! A mulher foi acclamada esposa de Adão, portanto Deosa do universo!!!... Assim é, assim devia ser; é incontestavel que tudo que ha de grandioso, sublime, e transcendente, é possuido pela mulher em subido grão; quer a encaremos como filha, como esposa, como mãe, ella é tudo!... sua intelligencia abrange todos os conhecimentos humanos; ella tem aptidão inmeçavel para todos os misteres da vida; é forte, é fraca, é indulgente, é compaziva! Os paizes onde a mulher tem maior influencia são os mais felizes. Vejamos a Ásia do norte, sem forças, sem moralidade, victima palpitante das primeiras espadas do mundo! Gengiskhan, Tamerlan, Kouli-Khan e Napoleão a tornarão um grande e horrível deserto; ella não acompanha nem de longe, a marcha progressiva da terra na via da civilização, e tudo porque?!... porque na Ásia a mulher não é respeitada, nem amada!!!... Vejamos a Inglaterra, o paiz mais forte e possante do globo, cujo navio percorrem a immensidade dos mares, cujo pavilhão soberbo fluctua em todos os pontos da terra, em cujas possessões o sol jamais adormece!... ella que entoa o hino — o Britannia rule the waves!... Os Estados-Unidos com suas instituições, suas forças, na vertiginosa carreira nas grandezas da terra!...

Constantino foi o primeiro que mandou considerar como homicida — aquelle que matasse um escravo voluntariamente: (2) era mais um triumpho da verdade! um reconhecimento expresso da igualdade natural!

As manumissões nas igrejas que trouxeram a liberdade a milhões de escravos, e as que se fazião por testamento, são outros actos, em que transparece a influencia christã — e as manumissões, n'essa epocha forão em tal numero, que lançavão na sociedade uma multidão de homens que, corrompidos, conservando o sentimento da vingança, e meptos a aproveitarem á si e ao Estado o beneficio que tinham recebido, erão completamente perigosos á ordem: e leis, para isso necessarias, procuravão reprimir a liberdade de manumettir, tal como a Fúria Camilla. Todavia a igreja continuou em sua tarefa e em muitos dos seus concelhos vem-la cuidadosa em, melhorando a sorte dos escravos, abrir novos caminhos a liberdade; declarou livres os escravos que, tendo-se refugiado nos conventos, ali tinham recebido ordens; e zelando sempre em que seus bens não fossem delapidados, ella soube ser prodiga, quando tratava-se do resgate dos captivos, autorizando os clerigos a venderem mesmo os vasos sagrados para esse fim: sempre protegendo aos christãos escravos de judeus, outorgava a liberdade aos que procuravão um asylo na igreja, mediante uma quantia razoavel paga ao senhor; e defendendo a fé destes de todos os ataques, impunha como pena ao judeu, que seduzisse um escravo — a liberdade de todos os que elle possuísse. (3)

A vista de provas tão irrefragaveis, é innegavel que a escravidão começou a desaparecer desde que se forão propagando as ideias christãs.

Quirot, reconhecendo esta verdade, acrescenta que não se deve attribuir tão sómente ao Christianismo a abolição da escravidão, porque esta continuou a existir por muito tempo mesmo no seio da sociedade christã (4). Estas palavras do illustre historiar philosopho mostram os inconvenientes do systema que seguio em sua oida: por quanto elevando-se ás generalidades, observou os factos de uma altura tal que estes por muitas vezes haviam de desaparecer ás suas vistas. Para estabelecer-se este principio era necessario — como diz Balmes, que se examinasse se a abolição repentina da escravidão era possivel e se era congruente com o espirito de paz e ordem que anima a igreja, e que por certo não lhe permittiria lançar-se em uma empreza, que sem conseguir o fim proposto, trazia graves perturbações á ordem social. (5)

A economia social estanda baseada sobre a escravidão, constituindo os escravos uma parte integrante da propriedade, profundamente enraizada nos costumes, a escravidão não podia ser extinta repentinamente: o tempo é que, desenvolvendo os principios christãos, deve realisal-os.

Diga-se, pois, com o immortal Chateaubriand, que um beneficio trouxe o Christianismo para coroar todos os outros, e que deve ser escripto em caracteres de ouro nos annaes da philosophia — a abolição da escravatura. (6)

— S. Paulo, Agosto de 1859.

J. J. Vieira de Carvalho.

(2) Troplong — obra citada.

(3) Balmes — *Le protestantisme compare au catholicisme*.

(4) Quirot. — *Histoire generale de la civilisation en Europe*.

(5) Balmes — obra citada.

(6) Chateaubriand — *Genie du christianisme*.

um costume de facto aos captivos, temendo que estes, conhecendo o seu numero, tivessem consciência de seu poder.

Aviltado, entregue ao mais horrivel despotismo domestico, o escravo era uma machina que obedecia ao mais extravagante capricho de seu senhor. victima da barbaridade das leis e depravação dos costumes, era despido de todas as suas prerogativas. o escravo não podia casar-se; apenas as leis consideravão a sua relação sexual e sua descendencia como a dos animaes, e sujeitas ás mesmas regras; e quando o luxo e a immoralidade lavrãõ rapidamente nos costumes, a condiçãõ do captivo peiorou: outr'ora era a pureza dos costumes que abrandava o rigor das leis, então, desapparecido este obstaculo, sobre o escravo recahia uma barbaridade e crueldade requintada pelo desenfreamento das paixões: era Quintinus Flaminus mandando matar um seu escravo para obsequiar um seu amigo, que nunca havia visto morrer um homem; era Pollion que lançava escravos como alimento ás suas moreias. As desgraças dos escravos achãõ interprete em Seneca, que, intermediario entre o Stoicismo e o Christianismo, levantou sua voz advogando a causa da humanidade ultrajada: mas sua voz era fraca, apenas ouvida de poucos.

Lá na Palestina é que devia nascer uma doutrina, que, prégando a regeneração do homem, levasse de vencida os vicios e os velhos preconceitos com que se arcejava essa civilisação que morria. As prophcias ião realisarse; e o Deus encarnado no homem já tinha apparecido na terra. A prédica do Evangelho, que consagrava a liberdade e a igualdade, foi pouco a pouco inoculando nos costumes elementos novos, que minavão as antigas e viciosas instituições na sua base.

Apostolo da doutrina do Crucificado, S. Paulo levanta sua voz em Roma, e revela ás multidões verdades desconhecidas. As palavras magestosas dos apóstolos attrahem a attenção de milhões de escravos, que, vendo seus direitos defendidos, aprendem tambem que são —homens.— Sim, a escravidão tinha chegado ao seu auge, e por isso devia acabar: havia soado a sua hora.

A influencia da nova doutrina se foi traduzindo em muitos factos, e mais tarde na legislação. Nero, cousa admiravel! foi o imperador que primeiro iustituiu um magistrado para receber as queixas dos escravos contra os excessos dos senhores; e no meio das saturnaes do Palacio Imperial, observa Troplong, nas orgias onde a devassidão nivelava as condições, os escravos havião encontrado um protector no tyranno dos cidadãos. (1)

Depois que o sangue dos martyres fecundou o solo para a germinação de novas ideias, depois que a sociedade dos gozos materiaes, o scepticismo e as desgraças da epocha tinhão disposto o espirito a comprehender uma religião que os chamava ao mundo interno e invisivel, que ensinava os homens a renunciarem as cousas terrestres; depois que, finalmente, Constantino tomou a cruz por seu estandarte, a condiçãõ do escravo foi melhorando: e a igreja, sempre olicita na propoganda das ideias christãs, apresenta provas irrecusaveis do seu interesse pela humanidade captiva. Prudente, eila devia contudo attender ás circumstancias em que se achava a sociedade, e proceder pouco a pouco á abolição da escravidão; assim S. Paulo exhortando os senhores a tratar com humanidade os escravos, impunha a estes a obediencia como rigoroso dever.

(1) De l'influence de la doctrine chrétienne sur le droit civil des Romains.